



O ESPAÇO ILUMINADO NO TEMPO VOLTEADOR

■ CARLOS AUGUSTO DE FIGUEIREDO MONTEIRO*

PRÓLOGO

PARA ATENDER AO HONROSO CONVITE DOS ORGANIZADORES DESTE EVENTO PARA PARTICIPAR DESTA MESA REDONDA, ABORDANDO A RELAÇÃO “ESPAÇO-LITERATURA” TIVE QUE OPTAR ENTRE DUAS VERTENTES. EVITEI AQUELA DO TEÓRICO — TALVEZ MAIS ESTIMULANTE À DISCUSSÃO — UMA VEZ QUE, PARA TANTO, TERIA FATALMENTE QUE CRUZAR REFERENCIAIS TANTO DA EMERGENTE GEOGRAFIA HUMANÍSTICA QUANTO DA TEORIA LITERÁRIA, SOBRE A QUAL, APENAS PRINCIPIO A ESTUDAR. ESCOLHI A VERTENTE DA EXPERIÊNCIA VIVIDA, OU SEJA, AQUEIA DA PRÁTICA, DA QUAL POSSA EXTRAIR ALGUMAS ILAÇÕES DE INTERESSE PARA DEBATE. AO APOSENTAR-ME COMO PROFESSOR TITULAR EM GEOGRAFIA FÍSICA NA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (MARÇO DE 1987) ESTAVA EU DANDO OS PRIMEIROS PASSOS NESTA LINHA DE INVESTIGAÇÃO ELEITA TANTO POR PAIXÃO QUANTO POR CONVENIÊNCIA. AS MATRIZES QUE GUIARAM MEU INTERESSE PROVIERAM DE GEÓGRAFOS BRITÂNICOS (POCOCK, 1981) E CRÍTICOS LITERÁRIOS FRANCESES (CROUZET, 1981). UM ANTIGO E ADORMECIDO INTERESSE PESSOAL FORA AVIVADO NO INÍCIO DOS ANOS OITENTA (1982-1984) PELAS ANÁLISES DAQUELAS OBRAS.

Desde a minha aposentadoria (1987) até o presente (1998), no segmento de um decênio, já tive ensejo — entre outras produções — de consumir seis ensaios voltados para a investigação do conteúdo geográfico em espaços romanescos. A eleição do foco sobre a ficção literária, no gênero romance, na Literatura Brasileira, teria um longo rol de razões que não comportaria (no tempo desta mesa-redonda), mas, creio eu, serão entendidas no decorrer da abordagem. Estes meus “cometimentos” dirigiram-se, em ordem cronológica, às seguintes obras: *Corpo de Baile*, de Guimarães Rosa; *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo; *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos; *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado da Assis; *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto e *Canãã*, de Graça Aranha. Deste conjunto, apenas o segundo e terceiro mereceram publicação (MONTEIRO, 1988), aliás conjunta, na Revista *Trópico & Ciência* da Fundação Joaquim Nabuco, do Recife.

Diante deste rol de romances e autores de nossa literatura, pode surgir a indagação sobre o “critério” que norteou tal escolha. Ao que eu responderia que considero três grandes vertentes, dentro da Literatura Brasileira, sobre as quais o interesse “geográfico” é variado.

a) Há um conjunto de obras literárias, no gênero de prosa romanesca (romances, contos, crônicas) que, malgrado não merecerem a consagração por parte dos críticos literários, apresentam um conteúdo de interesse geográfico, sobretudo aquele canalizado, didaticamente, para uma “complementação ilustrativa” da disciplina no ensino médio. Eu lembraria, como exemplo desta categoria, o caso do romance “Barro Blanco” de José Mauro de Vasconcellos, uma expressiva ilustração da atividade salineira no Rio Grande do Norte.

b) O importante conjunto dos romances ditos Regionalistas, nos quais somos felizes pela variedade das “escolas” e, num panorama qualitativo bem variado, com algumas obras de grande mérito. A meu ver este conjunto, por óbvias razões, não oferece atrativos à pesquisa. Não porque não mereçam, mas porque – por suas próprias características – elas dispensam esta preocupação. Não é este o caso do *Vidas Secas* de Graciliano Ramos. Se algumas das obras deste grande escritor alagoano se inserem naquela categoria, este não é o caso de *Vidas Secas* no qual, ao lado de um profundo estudo ontológico do sertanejo nordestino e malgrado a opinião do crítico literário Álvaro Lins (MONTEIRO, 1988 p.185) de que o meio físico ou paisagem exterior no escritor alagoano constitui-se apenas numa “ambiência acidental” o seu conteúdo geográfico é da mais alta qualidade. Isto faz com que, a meu ver, ao *Vidas Secas*, assente melhor na vertente seguinte.

c) Finalmente, aquelas obras que se inserem no âmbito da Alta Literatura I e nas quais o conteúdo geográfico nem sempre é facilmente aflorante, ou porque se prestem à análise de tópicos geográficos – não necessariamente regionais – de relevância. Em *O Cortiço*, além do dinamismo do espaço urbano do Rio de Janeiro no final do século XIX, sobretudo no bairro de Botafogo, indaga-se, no conteúdo espacial, o que existe de “determinismo ambiental” num “realismo” marcado por TAINÉ. Nas obras primas de Machado de Assis e Lima Barreto, sonda-se – a partir das semelhanças e diferenças marcantes nas personalidades dos dois escritores – a declarada vocação geográfica de um (Barreto) e um possivelmente velado noutro (Machado). No *Canaã* dispensa-se, por óbvio, o conteúdo geográfico natural e o virtuosismo na descrição da paisagem em favor do problema da imigração, transculturação e identidade nacional. Dessa primeira fase – digamos de “iniciação” ao longo do evoluir desta série de abordagens, produziu-se em mim um alargamento perceptivo. Daquele ponto de partida que era um simples exercício de sondagem na “experiência do lugar” (POCOCK) foi-se-me aclarando que a procura de-

veria ser bem mais ampla e complexa. Isto sintoniza perfeitamente com a própria evolução, dentro da Geografia, das concepções de lugar e espaço. Contudo, como se trata de uma discussão conceitual de grandes implicações teóricas ela será aqui evitada. Desse conjunto de experimentos, em sua maioria inéditos, estou tentando organizar uma coletânea para a qual tenciono o título de *O Mapa e a Trama: ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas*. Isto parece esclarecer a ampliação deste horizonte, para o qual trago uma proposta, ainda mais objetiva, para discutir nesta mesa-redonda. Atrevi-me a principiar esta linha de investigação, nada mais nada menos do que A Percepção Holística da Realidade do Sertão, a partir de um Mosaico Romanesco: *O Corpo de Baile*, de Guimarães Rosa (MONTEIRO, 1988, inédito). Passados dez anos, dois dos quais residindo no Japão, é difícil, no momento presente, dar-me conta do volume de estudos que, não só no Brasil mas também no exterior, se publicam a propósito da obra do nosso maior escritor neste expirante século XX². De volta do Japão e agora instalado residencialmente em Campinas, SP, estou retomando a análise da obra de Guimarães Rosa. Se toda ela está ligada ao “Sertão”, a abordagem “geográfica” deve ser dirigida para a sua mais extensa e complexa novela, ou seja, *Grande Sertão: Veredas*. É um projeto principiado apenas, centrado em minhas preocupações e esforço pessoal, procurando apoio na vertente da análise e crítica literária (na medida do possível) e evitando, deliberadamente, o que já se tem feito – e parece já ser bastante significativo – por parte de Geógrafos. Será fatalmente um projeto a longo prazo sobre o qual não estou certo de concluí-lo. Mas é algo ditado apenas por “prazer”, sem nenhuma obrigação suscetível de cobrança.

É exatamente calcado neste projeto que me atrevo a propor aqui uma rápida, talvez vertiginosa, apresentação das idéias centrais. Imagino que, dada a importância e complexidade do autor e sua obra, este é um campo privilegiado para enfrentar um grande desafio. O que não deixa de ser uma temeridade. Mas eu sempre estive disposto aos grandes desafios: Sob

o rótulo O ESPAÇO ILUMINADO NO TEMPO VOLTEADOR eu me proponho a apresentar³ alguns tópicos que imagino constituam a estrutura básica da análise, e de cujo conteúdo se possam extrair algumas ilações teóricas, analíticas ou mesmo conceituais sobre as preocupações básicas do Geógrafo motivado pelas componentes humanísticas na relação “espaço e cultura”.

I – “BRINCAR” DE GEOGRAFIA

(O LUGAR DA GEOGRAFIA NO PRIVILEGIADO UNIVERSO CULTURAL DO AUTOR)

Numa entrevista⁴, o escritor João Guimarães Rosa, recordando a infância, declarava-se arredio aos adultos, recolhendo-se às suas preferências: *estudar sozinho e brincar de geografia*. Ao associar a Geografia a uma atividade lúdica, Rosa demonstra que, para um menino solitário, “viajar” pelo mundo era atividade prazerosa.

Sua formação em medicina respondia àquele seu lado cientista, amante do naturalismo, da botânica e da zoologia, Mas sua fraca vocação para o exercício da medicina exibiu outros tesouros de sua sabedoria, como poliglota, estudioso compulsivo de muitas línguas e leitor onívoro de literaturas, religiões e filosofias. Tesouro que, em se acumulando, vai privilegiar sua vocação suprema como escritor. O fascínio pelo mundo, que o leva à diplomacia, fará enriquecer, com o estudo, aquilo que fora brincadeira em Geografia. Em suas funções no Itamarati, foi Diretor de Divisão de Fronteiras e Representante do Ministério das Relações Exteriores junto ao Conselho Nacional de Geografia, do IBGE. Assim, do lúdico ao erudito, a Geografia aflorará, de modo destacado, na sua obra. O herói do *Grande Sertão Veredas*: – Riobaldo – também demonstra pendores geográficos.

Tive mestre, Mestre Lucas, no curralinho, decorei gramática, as operações, regra de três, até Geografia e Estudo Pátrio. Em folhas grandes de papel, com capricho,

tracerei bonitos mapas, (Grande Sertão Veredas, p.15-16)

Um forte pendor que, na Geografia do Brasil, direciona o escritor das Minas Gerais para o SERTÃO. Minas sem mar, interiorizada no SERTÃO.

2 – O SERTÃO NO BRASIL E O MUNDO (UMA BIFACILIDADES JANUSIANA)

Na longa narrativa pela qual se estrutura o romance *Grande Sertão*: Veredas tem-se enfatizado, com insistência, o dualismo ensejado pelo falso diálogo entre o ex-jagunço Riobaldo e seu ouvinte invisível: o campo inculto face ao saber citadino erudito. Talvez o meu lado geógrafo leve-me a propor acrescentar aquele outro entre o litoral e o interior. Nas dimensões continentais da geografia brasileira avulta aquele dualismo- significativo embora alegórico – entre a face externa de Janus, expressa pelo litoral, aberto às comunicações com outras regiões, onde chegam as novidades, importam-se necessidades e exportam-se disponibilidades, em contraste com aquela voltada para o interior, ignota a princípio, lentamente conquistada. Enquanto a face externa (litorânea) abre-se às trocas, intercâmbios e facilidades de mudanças, aquela interna – *num* espaço mais distanciado onde o tempo flui mais lentamente – indutora da conservação, do mergulho” sobre si mesmo, do refúgio. Enfim, a oponência básica e fatalmente complementar entre a integração (face externa) e a auto-afirmação (face interna). Sentimento contrastante perceptível em todos os países de grande extensão, nos diferentes continentes onde se diferenciam o *avant* e o *arrière pays*, dos francófonos, o *frant* e *back lands* dos anglófonos. Talvez pela associação ao coração “desértico” isto é especialmente sensível na Austrália, onde a implantação britânica no litoral foi um suave “transplante” para um domínio subtropical em violento contraste com o “out back” do “bush” degradando-se até o deserto, preservador do aborígine e escassamente aberto à coragem audaciosa do “jarkaroo”. Dentro da polissemia brasileira dos *Sertões* – de feições geográficas bem variadas – a constante fundadora da semântica do termo parece estar vinculada ao “interior”⁵. As Mi-

nas Gerais, conquistadas do final do século XVII e especialmente ao longo do XVIII, juntando a mineração à pecuária é bem um domínio interior, onde as ocorrências de sertões permitem a proposta roseana de um Grande Sertão. Face interna, de auto-afirmação (rebeliões, inconfiências vingando ali antes do litoral), de desconfianças, de cautelas. Face interior que é a base de uma Mineiridade da qual Guimarães Rosa é uma magnífica expressão.

3 – AMBIGÜIDADES NO LABIRINTO

(A COISA DENTRO DA OUTRA E A SOBRE-COISA)

O romance *Grande Sertão: Veredas*, mais do que qualquer outra obra de Guimarães Rosa, admite muitas entradas e poucas saídas. Daí sua associação freqüente à idéia de um labirinto. A partir do arquitetar da escritura, numa narrativa caudal dispensando partes ou capítulos, com uma linguagem peculiar, e o ziguezaguear ao sabor do fluxo da memória do ex-jagunço pouco letrado, tudo representa um desafio ao leitor. Desafio este que exige cautela, concentração e persistência. Venci da, nesta obra, esta barreira fundamental

há de tudo para quem souber ler, e nela tudo é forte, belo, impecavelmente realizado. Cada um poderá abordá-la a seu gosto, conforme o seu ofício: mas em cada aspecto aparecerá o traço fundamental do autor: a absoluta confiança na capacidade de inventar. (CANDIDO, 1957).

Em sua magistral análise do romance *Grande Sertão Veredas*, intitulada “As Formas do Falso”, GALVÃO⁶ assinala que o princípio organizador da obra é a ambigüidade e que a estrutura do romance é também definida por um padrão dual recorrente: “A coisa dentro da outra (...) é um padrão que comporta dois elementos de natureza diversa, sendo um o continente e outro o conteúdo.” (GALVÃO, 1986, p.13). Isto se reflete no fato de se encontrar, no meio do romance, histórias ou casos aparentemente como peças soltas que, na realidade, entretanto, obedecem

a uma matriz estrutural. Abundam, ao longo na narrativa, uma série de “estórias” desde pequenas – os “causos” do Aleixo, com seus filhos cegados pelo sarampo; do Pedro Pindó, com seu filho Valtei, e outros – até aquela longa estória de Maria Mutema, – todos eles com conteúdo bem significativo na arquitetura geral da trama. Este “embutimento” – tipo caixinha chinesa ou copo de escoteiro – é agravado por aquela outra preocupação, pertinente ao Compadre Quelenem, aquele sábio sertanejo que, ambicioso: “*quer não é o caso inteirado em si, mas a sobre-coisa, a outra coisa*”. Assim sendo estas coisas “embutidas” e “aureoladas” – uma intrincada polissemia – requerem dobrada atenção do leitor. E ousar dizer que esta complicada estrutura do romance assenta bem à compreensão do Sertão embutido no Brasil de tal modo que, como face interna, auto afirmadora ele representa muito do caráter “nacional”, ao mesmo tempo que sua “auréola” – sua sobre-coisa – transcende o regional projetando-o ao “universal”. Estas considerações parecem-me capitais para aqueles que, penetrando no intrincado labirinto roseano, possam extrair real proveito’ para o seu ofício. E sobretudo para o ofício da Geografia.

4 – O ESPAÇO ILUMINADO (GEOGRAFIA E METAFÍSICA)

A ambigüidade no romance decorre, em grande parte, da própria natureza do personagem narrador em sua condição de sem i letrado detentor de um saber obscuro, cheio de dúvidas, desconfiado e inseguro que, no fluxo (psicanalítico) lançado a seu ouvinte instruído, para aconselhar-se sobre os seus problemas de consciência na progressiva vida de jagunço, precisa não só apresentar-se isoladamente como indivíduo mas também devidamente integrado a sua terra – o Sertão – na suas lutas (exteriores e interiores), nos seus problemas. Embora o conhecimento do Sertão roseano requeira a associação entre a Terra, o Homem e a sua Luta ou o seu problema – aqueles elementos que estruturam o clássico *Os Sertões*, de Euclides da Cunha –, há profundas e radicais diferenças entre as obras do engenheiro cientista

e do diplomata escritor. Há quem considere o *Grande Sertão: Veredas* uma re-escrita de *Os Sertões*⁷ tese da qual discordo totalmente. Uma coisa é um engenheiro, estranho à região, embuído [*sic*] de altos conhecimentos científicos (da época) denunciar para a nação a iniquidade do massacre de adeptos de um movimento messiânico, por ignorância da realidade natural e social do sertão baiano, e outra é uma elaboração estética, altamente poética, de um romance onde um vero sertanejo, no seu saber obscuro, desvela o seu problema pessoal como parte da realidade natural e sócio-política do Sertão Mineiro. Um libelo, uma explicação “científica”, uma denúncia, uma revelação erudita de um lado. Um desvelamento literário, artístico, um poema encantatório de outro.

A narração de Riobaldo ao seu interlocutor invisível, no início logo após o esclarecimento sobre os tiros ouvidos e o caso de bezerro, esclarece sobre o SERTÃO.

“O senhor tolere. Isto é o Sertão” (*GS: V p.9*)

E na explicação inicial Riobaldo apresenta o Sertão em seus aspectos essenciais do ponto de vista geográfico, em três caracteres definitivos:

a) O Sertão é uma unidade na diversidade. Ele é composto de grandes chapadões, fracionados em tabuleiros e com variadas formas intermediárias (tabuleiros chapadosos), coberta de cerrados, de feições as mais variadas; as serras, que por vezes os atravessam ou emolduram, as vertentes das quais nicham-se matas; vales de rios que os atravessam, em diferentes ordens hierárquicas – filiadas à grande artéria, o rio do Chico – e seus afluentes, dentre os quais se destaca o Urucuia, em generoso vale de matas, atraindo povoação; os “gerais” correndo em volta, sem tamanho e dentro do complexo conjunto, variedade de sub-unidades segundo a presença da água naquele pacote de rochas sedimentares, notadamente calcáreas, com lagoas e várzeas, brejos, atoleiros. Outras vezes na escassez dela, nos baixões secos, areiões, etc. etc. E avultando em todo esse complexo conjunto, o contraste su-

premo, em seus oponentes higrométricos: o difícil e rude SERTÃO e *o verde macio, belimbeleza* das VEREDAS. Os acidentes simbólicos do pensamento taoísta; o yang e o yin.

b) A esta complexidade junta-se a imprecisão dos limites, em horizontes fugidios segundo a percepção dos habitantes. “Enfim. Cada um o que quer aprova, o senhor sabe: pão ou pães, é questão de opiniões ... O sertão está em toda a parte. (*Grande Sertão Veredas p.9*)

c) Percepção esta ligada àquela sensação interior de isolamento, lugar de refúgio, onde se vive *arredado do arrocho de autoridade*. Enfim: “Sertão. Sabe o senhor: sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte que o poder do lugar.” Assim o caráter geográfico, dentro de sua complexidade e imprecisão de limites é percepção que se afirma interiorizada, produzida dentro do Homem. Firma-se aqui o vínculo indissolúvel entre o real e o mítico na Geografia do Sertão. Em CANDIDO (1957), sua análise pioneira, assinala brilhantemente esta dualidade. Após iniciar a apreciação sobre a Terra registra que: “O meio físico tem para ele (GR) uma realidade envolvente e bizarra, servindo de quadro à concepção de mundo e suporte do universo inventado.” Em toda a narrativa aparecem as referências a numerosos lugares, acidentes geográficos, em sua grande maioria identificáveis e localizáveis nos mapas. Nesta riqueza de toponímia, os nomes – dos lugares como das pessoas (antroponímia) – são quase que sacralizados. Nome de lugar onde alguém já nasceu, devia de estar sagrado (*Grande Sertão Veredas, p.35*). Nesta fartura de lugares, muitas vezes os seus nomes servem e se ajustam às intenções simbólicas na invenção criativa do escritor. O afluente de Janeiro, ao desaguar no São Francisco, no episódio do encontro do adolescente Riobaldo com o Menino, e seu passeio de barco identifica-se comodamente com Janus padroeiro das travessias. Francis UTÉZA⁹ demonstra como os lugares onde ocorrem os fatos decisivos da trama romanesca são realçados pelos seus nomes. Por exemplo: Medeiro Vaz morre no

Marcavão – passagem para o outro lado da vida – à margem do rio do Sono. Aliás a presença da água, o seu escoamento na vastidão da paisagem desde os brejos que se juntam para formar os rios à magia das veredas verdejantes de buritis e os grandes caudais: o Urucuia vindo do obscuro poente para o iluminado nascente (W-E) e o pai de todos, o São Francisco, oferecendo diferentes situações de “travessias” são, ao longo da narrativa, o símbolo do incessante e perigoso fluxo da vida. E os lugares dos grandes momentos do romance estão sempre vinculados aos cursos d’água. Mas há ocasiões em que o autor toma a liberdade de criar sítios e nomes sem respaldo cartográfico e efetividade corográfica. E Antonio Candido, que não é geógrafo, percebeu claramente e advertiu:

Cautela todavia. Premido pela curiosidade, o mapa se desarticula e foge. Aqui um vazijo; ali uma impossível combinação de lugares; mais longe uma rota misteriosa, nomes irrealis. E certos pontos decisivos escapam de todo. Começamos então a sentir que a flora e a topografia obedecem freqüentemente a necessidade de composição; que o deserto é sobretudo projeção da alma¹⁰ e as galas vegetais simbolizam traços afetivos. Aos poucos vemos surgir um universo fictício, à medida que a realidade geográfica é recoberta pela natureza convencional. (CANDIDO, 1957, p.7)

Para um escritor que transgride o léxico, cria palavras, trata a língua como coisa dinâmica, “em estado de ebulição”, por que não transgredir a realidade geográfica, assim como a língua não fica desfigurada por que o seria a corografia? Contudo há aqueles que, obcecados pela objetividade e o real, insistem nesta pesquisa.

O Liso do Sussuarão parece-me um caso típico de criação. Uma criação para refletir um estado de espírito – ora dificultoso em demasia de ser atravessado, ora sem maiores dificuldades – mas que se coloca dentro de limites lógicos de verosimilhança. O Liso do Sussuarão não é um deserto com oásis de tamareiras, o que seria absurdo de conceber, mas algo

que emprestou elementos do Razo da Catarina ou do Jalapão em sua composição. Mas parece que já houve felizardos que conseguiram identificar e localizar cartograficamente não só o Liso do Sussuarão enquanto outros continuam procurando-o¹¹. Talvez o Liso do Sussuarão – cujo nome masculinizado de um grande felino reforça a condição psicológica de medo – seja o exemplo mais vultoso dessa transgressão corográfica. Mas há outros casos. Destaque merece também aquele das Veredas Mortas, lugar onde ocorre o pacto, que depois é revelado como sendo Veredas Altas. O lugar cujo nome trocamos, que se aparenta ou que não existe bem pode ser obra do inconsciente. Dentro do espaço geográfico o lugar – com seu nome – revela a instância pessoal, individual. O lugar como que serve a defini-lo em sua fragilidade, em sua precariedade, ao longo da sua “travessia”. Daí ele estar embaralhado, como no jogo de cartas, misturando o real ao imaginário. O físico ao metafísico. Por conseguinte, a fruição geográfica do texto requer que o geógrafo esteja atento a uma preciosa sintonia. Assim como os acidentes topográficos, os lugares, para sair do nível corográfico e atingir o “geográfico” – o jogo de interações e correlações os símbolos ou signos (nível imaginário) estão articulados também num “sistema” o qual é preciso descobrir, conhecer. Tarefa nem sempre fácil já que a simbologia admite um jogo de antíteses, contrários que cumpre decifrar. O Homem, ser social, vivendo num dado espaço, num certo tempo, em sua travessia lida com a realidade – moldura de sua identidade – e o metafísico (a sobre-coisa) – que lhe traça o destino¹². E na condição indissolúvel de espaço/tempo, é preciso notar o caráter de que se reveste o tempo nesta geografia iluminada de metafísica na História do Grande Sertão.

5 – O TEMPO VOLTEADOR

(HISTÓRIA E ESTÓRIAS)

Uma das muitas dificuldades em alcançar saída no labirinto que é a narrativa do romance Grande Sertão Veredas é que além do fluxo contínuo – que

não possibilita divisões ou subdivisões em partes ou capítulos – o desenvolvimento não é absolutamente linear. Decorrencia mesmo da oralidade e do fluxo da memória a narrativa antecipa eventos, colocando-os numa falta de ordenação que requer do leitor do livro uma atenção redobrada, difícil de acontecer numa primeira leitura, mas em subseqüentes. Apenas no terço final da narrativa os acontecimentos colocam-se em ordem cronológica linear. O tempo do narrador não é o do relógio – no dia a dia nem obedece a uma cronologia ordenada. Produzem-se muitos volteios¹³. Não. Eu estou contando assim, porque é meu jeito de contar. Guerras e batalhas? Isto é como jogo de baralho, verte, reverte. [...]

A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, mas com outros acho que nem se misturam. Contar seguido, alinhavado, só mesmo as coisas de rasa importância. De cada movimento que eu real tive, de alegria forte ou pesar, cada vez daquela hoje vejo que eu era como se fosse diferente. Sucedido desgovernado. Assim eu acho, assim é que eu conto. O senhor é bondoso de me ouvir. Tem horas antigas que ficam muito mais perto da gente do que outras, de recente data. O senhor mesmo sabe. (p.95)

O narrador não fornece datação exata das ocorrências e quando menciona alguma o faz de maneira imprecisa. Uma das mais destacadas e que só aparece no final é aquela do batistério de Diadorim (aliás Maria Diadorina) na matriz de Itacambira ... “em um 11 de setembro da era de 1800 e tantos.” (p.568). Com dificuldade coletam-se outras vagas referências. Uma menção ocasional: “Os revoltosos depois de passarem por aqui, soldados de Prestes, vinham de Goiás ...” (p.95). Outra a um ataque a Januária e Carinhanha, referida a Riobaldo pelo seu pai, como tendo ocorrido “... nas eras do ano de 79” (p.108). Considerando-se que se o nascimento do Diadorim deu-se no final dos anos oitenta do século passado, e não se distanciando em idade daquela de Riobaldo, os dois jagunços no auge dos acontecimentos – a morte de Hermógenes – deveriam estar pelo final dos vinte, princípio dos trinta. Importante, contudo, é associar-se a época da ja-

gunçagem em Minas com aqueles movimentos na Bahia e no Piauí. É explicitamente registrado no GS:V que um dos jagunços de Medeiro Vaz então Passos), após uma refrega mal sucedida contra “Os Judas”, logo antes da morte daquele chefe, foi colocar-se sob a proteção do lendário coronel Horácio de Mattos, chefe político nos sertões baianos com famosa jacunçada nos sertões do São Francisco nos anos dez e vinte deste século. No Piauí, a jacunçada foi decorrência da derrocada da extração do látex da maniçoba – um pálido complemento do ciclo da borracha Amazônica no Meio Norte – quando os maniçobeiros (oriundos do Nordeste Oriental, notadamente Pernambuco e Ceará) desocupados puseram-se a serviço dos latifundiários criadores em suas disputas pela posse da terra e ascensão ao poder político. A jacunçada do sul do Piauí foi erradicada em 1924, pouco antes da entrada, naquele Estado, da Coluna Prestes que, como se sabe, findou-se em terras da Bolívia em 1927. Com estes artifícios pode-se seguir o contorno da militância guerreira de Riobaldo e Diadorim, no início da República, antes do seu “envelhecimento” com a Revolução de Trinta o Império já é passado um tanto remoto como sugere uma velha carta encontrada na abandonada casa grande da Fazenda dos Tucanos, onde se falava no Imperador e da existência de “escravos”. A “narrativa”, quando Riobaldo deixara a jagunçagem, coisa do passado e se tornara fazendeiro, nem sertão “demudado” com a entrada de zebú e inclusive mudança de nomes dos lugares¹⁴ deve ter ocorrido no final dos anos quarenta quando, após a guerra, o diplomata, escritor retomou da Europa, principia suas viagens pelo sertão. De nenhum modo, no seu tratamento do tempo, o escritor João Guimarães Rosa, na obra Grande Sertão Veredas intenta, uma História marcada por uma cronologia exata, apoiada em fatos documentados e dirigida aos grandes vultos detentores do poder. Numa frase muito feliz GALVÃO (1986, p.63) diz que GR “dissimula a História para melhor desvendá-la”.

O conteúdo histórico a ser extraído da narrativa de um sertanejo, de saber obscuro, em suas vivênci-

as no sertão distante, pouco povoado e de comunicações difíceis e morosas, sobretudo para uma vida errante de jagunço¹⁵, só poderia emergir de sua própria individualidade e de sua vida. Assim, a História possível (em escolha deliberada na criação artística) é aquela que se tece a partir das inúmeras estórias, emanadas da oralidade dos “causos”, da música das cantigas, do imaginário popular, reveladora dos arquétipos, do inconsciente coletivo. O que vale dizer que, neste Sertão, em sua Geografia onde o real da natureza é percebida pela mediação do mítico e em sua História, extraída da vivência cotidiana e dos problemas dos escassos habitantes, no seu distanciamento espacial e retardamento temporal, existe um verdadeiro laboratório para a compreensão da cultura. E esta visão interior – a máscara da auto-afirmação, a coisa (Sertão) dentro da outra (Brasil) – expressa no romance GS:V, serve bem à compreensão da realidade brasileira. Pela dinâmica dos processos variados que se unem, conjuntivamente, na gênese de nossa cultura, ainda não consumada mas em pleno “fazimento”.

6 – AS DIMENSÕES DA CULTURA

(DO REAL, PELO LÚDICO AO MÍTICO)

Ao lado do já referido pendor geográfico de Guimarães Rosa é muito conveniente sondar suas disposições em face de ciências puramente humanas, sobretudo porquanto sua obra revela exalta dos pendores para as naturais como botânica e zoologia. Em uma carta a seu amigo Vicente Ferreira da Silva, datada de 21 de maio de 1958¹⁶, encontramos o seguinte:

Desconfio que sou um individualista feroz, mas disciplinadíssimo. Com aversão ao histórico, ao político, ao sociológico. Acho que a vida neste planeta é caos, queda, desordem essencial, irremediável aqui, tudo fora de foco. Sou só RELIGIÃO – mas impossível de qualquer associação ou organização religiosa: tudo é o quente diálogo (tentativa de) com o ¥. O mais você deduz.

Se juntarmos a isto aquela preciosa valoração de

pontos, de zero a dez, por ele apresentada¹⁷ a seu tradutor italiano, BIZZARRI (1980, p.58), é citação quase obrigatória por parte dos estudiosos de sua obra:

... como apreço de essência e consideração, assim gostaria de considerá-los: a) cenário e realidade sertaneja: 1 ponto; b) enredo: 2 pontos; c) poesia: 3 pontos; d) valor metafísico religioso: 4 pontos. Naturalmente, isto é subjetivo, traduz só a apreciação do autor, e do que o autor gostaria, hoje, que o livro fosse. Mas, em arte, não vale a intenção. Dei toda esta volta, só para reafirmar a você que os livros, o Corpo de Baile principalmente, foram escritos, penso eu, neste espírito.

Para aqueles que abordam sua obra pelo ofício da Geografia é fácil constatar que ela não está para ser sondada apenas naquele item de cenário e realidade sertaneja, com o valor mais baixo, de apenas um ponto. Em verdade ela pode ser percebida também no enredo, na trama romanesca e até mesmo na rubrica da poesia. Isto sobretudo porquanto o amor à natureza foi-lhe “ensinado” por Diadorim e porque, ao longo da narrativa, cada vez que estas lembranças são evocadas, a paisagem (cenário) merece os mais elevados momentos poéticos da escritura. Quanto à confessada “aversão” que o autor tem pela História, Sociologia e Política, ela deve ser entendida sobre aquilo que está além do vivido e demonstrado pela condição humana e que, por parte dos adeptos do racional, da “megeira cartesiana” elaboraram as Teorias. Não seria possível deixar de perceber e coletar informação nestes domínios das ciências humanas no GS:V. O que não se encontra são os vezes da “megeira ideológica”. Antes de pretender demonstrar o conteúdo sociológico e político, ao lado da História peculiarmente entretecida em estórias, recorro a outro esclarecimento que Guimarães Rosa dá a seu tradutor italiano. Em carta datada de 3 de janeiro de 1964 (BIZZARRI, 1980 p.8), a propósito da colocação de uma nota de pé de página, elucidativa do Coco de Chico Braboz, comenta o autor a seu tradutor:

... simplesmente sotoposta (a nota) ao *Coco*, quebra o encantamento mágico, a que visamos, e traz o acento para o aspecto “documental” do livro – que é apenas subsidiaríssimo, acessório, mais um “mal necessário”, mas jamais devendo predominar sobre o poético, o mágico, o humor e a transcendência metafísica.

Parece-me claro que estes subsídios ou acessórios políticos e sociológicos existem, até abundantemente, ao longo de toda a trama romanesca do Grande Sertão Veredas.

A penetração das normas administrativas, a aplicação da justiça no interiorizado sertão, ao início de vida republicana brasileira – em relação às permanências que vigoram até o presente – eram por demais precárias, dando ensejo a que os donos das terras, dos latifúndios do criatório de gado, em disputa entre eles mesmos, recorressem àquelas formas de “sobregoverno” (poderes paralelos) que explicam a própria gênese da jagunçada. E o painel de “chefes” apresentado por Guimarães Rosa no Grande Sertão: Veredas é bastante expressivo ao exibir o carisma de Joca Ramiro, a coerência idealista de Medeiro Vaz e a esperteza do ladino Zé Bebelo (o mais brasileiro deles).

Em trabalho anterior a este (MONTEIRO, 1998), procurei demonstrar a importância do conteúdo sociológico que pode ser captado no Grande Sertão Veredas. Tanto por uma colheita de fragmentos e informações ao longo de toda a narrativa quanto – e especialmente – concentrado no momento supremo do romance, ou seja, quando após o “pacto” nas Veredas Mortas Riobaldo faz sua opção definitiva – sua decisão de, após vencido o Hermógenes, tornar-se fazendeiro¹⁸. Riobaldo, ele mesmo, tinha suas origens entre os dois extremos da escala social sertaneja já que era filho bastardo do Coronel Selorico Mendes e da serva Bigrú, No itinerário do Pubo-Sucruíú-Valado ele, em poucos dias, tem o desfile completo da escala social sertaneja. Os miseráveis catrumanos do Pubo; os enxadeiros moradores do Sucruíú, mão-de-obra explorada pelo Coronel Habão, atacada pela bexiga preta; os jagunços – saídos da

massa dos vaqueiros ou alguns semi-letrados como ele próprio; o grande fazendeiro – criador de gado e lavouras de cana e arroz, além daquele chefe Zé Bebelo aspirante ao poder político. A comparação entre o fazendeiro Habão e sua condição de jagunço é muito clara:

o que me dava a tal inquietação, que era de ver: concluí que fazendeiro-mór é sujeito da terra definitivo, mas que jagunço não passa de ser homem muito provisório. (p.390)

E sobretudo a comparação entre os extremos da escala social; a riqueza do Seu Habão e a miséria dos catrumanos:

... eu acho que, homem só vendido ao dinheiro e ao ganho, às vezes são os que percebem primeiro o atígio real das coisas, com a ligeireza mais sutil. (p.405)

e o outro extremo:

De homem que não possui nenhum poder nenhum, dinheiro nenhum o senhor tenha medo. O que mais digo: convém nunca a gente estar no meio das pessoas muito diferentes da gente. (p.367)

Entre os dois extremos, deve-se também evitar escalas intermediárias. Ante a maneirada e sutil insinuação que seu Habão demonstra em bem acolher o bando de jagunços de Zé Bebelo, no seu vão ziguezaguear na perseguição dos judas, com a intenção de aproveitá-la para trabalhar em suas lavouras desfalcadas pela peste nos seus servos do Sucruíú, Riobaldo não admite e rebela-se ante a idéia:

Mas a natureza dele (Habão) queria, precisava de todos como escravos... [...] Nós íamos virando enxadeiros. Nós? Nunca! (p.392).

Para agravar a situação, Riobaldo percebe sinais de vacilação – sintoma de medo – no seu chefe Zé Bebelo em continuar a procura e enfrentamento do “judas”.

Diante de um tal estado de espírito Riobaldo toma a sua decisão capital: nas Veredas Mortas firma o “pacto”. Por fidelidade (e amor) a Diadorim cumpre derrotar os Hermógenes. Para tanto, fortificado pelo pacto precisa ser o chefe. Poderoso, retoma ao gru-

po, é proclamado o Urutú Branco, destitui Zé Bebe-lo, é presenteado pelo Seu Habão com o seu cavalo; recusa para ele o nome de Barzabú em favor daquele de Siruiz (a preferência pela doçura da poesia contra a aspereza do demo), humilha o capitão Habão fazendo-o moço-de-recado com a mensagem de levar a “pedra de topázio” à sua Otacélia, e, como chefe – ao lado de Diadorim – parte para a luta final.

Decorridos tempos, já demudado o sertão, Riobaldo faz sua narrativa na condição de Senhor, – bens e terras herdadas do pai – mantendo a seu redor seus antigos companheiros jagunços, na condição “fraterna” de meeiros, moradores de “suas” terras com pacto de fidelidade e ajuda em caso de precisão.

Riobaldo acomoda-se naquilo que julgou ser o melhor para ele. Ele nunca foi um revolucionário; mesmo sua entrada e militância na jagunçagem foi obra das circunstâncias e não de uma vocação. Como Riobaldo, Guimarães Rosa não é um escritor revolucionário. Como escritor, romancista, ele se filia mais a Dostoiéwsky, que também evitava o político ideológico. Diante desta posição do escritor não faltam “cobranças” (quando não patrulhamento) ideológicas. Em sua análise da ambigüidade no GS: v: GALVÃO (1986, Introdução, p.13-14) aponta a posição sumamente ambígua, que aliás é estendida ao intelectual brasileiro: Preso a seus privilégios mas sendo capaz, por treino, de experimentar imaginariamente outras situações de vida, convive no mundo dos valores, mas é tradicionalmente servidor do Estado; aqui existe e aqui produz, mas de olho na última moda das agências centrais de cultura.

Riobaldo escolheu ser “cidadão efetivo” procurando a herança paterna (inda que bastarda). Guimarães Rosa escolheu ser diplomata (servidor do Estado). Seus princípios estéticos norteadores de sua criação literária, mais do que o esforço da análise dos estudiosos de sua obra, foram explicitados por ele sobretudo na correspondência com seus tradutores. O metafísico, o mágico e o poético superam a crua realidade.

Quanto ao “olho na última moda”, talvez fosse

muito interessante promover um confronto entre as obras capitais de GR – GS: V e Corpo de Baile surgidas em 1956 e o “nouveau roman” francês, da mesma época. Sobretudo importante seria a comparação da questão do “espaço romanesco”. Mas isto seria uma questão para a crítica literária e não para um geógrafo¹⁹.

É interessante notar como a comparação entre os problemas que angustiam o herói do *roman nouveau* – expressão do homem urbano da sociedade altamente tecnológica do mundo ocidental –, em que pesem as diferenças de gênese de seus problemas existenciais e a sua projeção espacial, são equivalentes aos do sertanejo mineiro do início do século xx. E o traço de ligação que é a fonte primordial da condição humana é o eco da transposição da categoria espaço-temporal em categoria moral-psicológica que coloca o homem entre o jogo de oponências, entre as luzes e as trevas (a caverna platônica), o bem e o mal (Deus e o diabo) que se reduzem à dicotomia básica: o conhecer e o desconhecer. A angústia de Riobaldo revelada a seu invisível interlocutor:

Invejo é a instrução que o senhor tem. Eu queria decifrar as coisas que são importantes. E estar contando não é uma vida de sertanejo, seja se for jagunço, mas a matéria vertente, queria entender do medo e da coragem, e da gã que empurra a gente para fazer tantos atos, dar corpo ao suceder. O que induz a gente para más ações estranhas, é que a gente está pertinbo do que é nosso, por direito, e não sabe, não sabe. (p.84)

Enquanto não atinge este grau de conhecimento o sertanejo jagunço embrenha-se no seu espaço natural complexo sobre o qual o espaço social impõe mudanças, embora lentas, mas a ponto de ser um sertão “demudado” do tempo da narrativa ao tempo da jagunçagem. O tempo volteador, num ritmo lento, embaralha o espaço-tempo de tal modo que a Geografia narrada já se revela História. E esta, naquele espaço e naquele volte ar, junta antigo e moderno, tecendo uma teia de tempos múltiplos que possibilita a contemporaneidade do não coetâneo. E este verter e contraverter de tempo no espaço do

sertão privilegia uma visão do processo de elaboração da CULTURA brasileira. Exibindo o sertão mineiro do início do século uma fâcies mais primitiva no nosso processo de formação de CULTURA em andamento, ainda não capaz de expressar seus atributos essenciais.

E parece estar aí um dos aspectos dignos de maior realce dentre os muitos contidos em Guimarães Rosa no seu Grande Sertão: Veredas. Há abundância de elementos culturais oriundos de nossa multietnicidade. As raízes indígenas, seja pelas referências (um tanto longínquas) aos “bugres” (p.22, 23), mas muitas e próximas, identificáveis nos lugares, nos costumes da gente sertaneja; às contribuições africanas, nos personagens negros, nas “rezas baianas”, em muitos aspectos. Além do estoque dirigente, de origem lusa, o aporte da língua – em seus arcaísmos – e da religião católica, assim como a língua, eivada de africanismos, cardécismos etc. E aquela contribuição que extravasa do português, do ibérico, para o estoque europeu ocidental, em aspectos bem remotos, medievais e renascentistas que foram trazidos pelos colonizadores e ainda hoje – no interior sertanejo, no Grande Sertão em sua conformação máxima incluindo os sertões Nordestinos correm na boca dos contadores de estórias, dos cantadores e na literatura de cordel. A própria trama da jagunçagem liga-se aos cavaleiros andantes e o próprio Diadorim molda-se nos mitos da donzela guerreira (Clorinda e Tancredo, por exemplo). O próprio Riobaldo encantou-se com o livro *Senclér das Ilhas* que encontrou em casa do único morador do Currais-do-Padre e no qual, no deletrear dos seus descansos, “*achou outras verdades, muito extraordinárias*”, Sua referência a Gui de Borgonha (p.502) demonstra a permanência sertaneja das estórias do Santo Graal e dos Cavaleiros da Távola Redonda. Quando empresta a Medeiro Vaz a categoria de um “*par-de-frança*” vemos aí uma alusão às histórias de Carlos Magno e os 12 Pares de França.

Assim, a manifestação de cultura popular é posta sob o foco de uma lente, para uma filtração pela tradição culta. Tudo isto aparecendo nos inúmeros “causos” semeados à fartura ao longo da narrativa, extremamente reveladores da mistura do real, do lúdico (o humor) e sobretudo do mítico. Nas sociedades primitivas onde o Homem, na obscuridade do saber, liga-se visceralmente às forças e formas da natureza, recorre aos mitos – aquilo que a natureza reflete da vontade dos deuses e dá significado a sua vida. Conforme ensinou MALINOWSKI (1948, p.79):

o mito desempenha uma função indispensável na cultura primitiva: expressa, possibilita e codifica a crença; protege e reforça a moral; garante a eficiência do rito e contém as regras práticas para a orientação do homem.

Na arquitetura desta obra monumental, Guimarães Rosa utiliza todo o arsenal do seu tesouro pessoal de cultura, criando na arte literária uma fusão especial tecida pela lingüística: desobediência do léxico, reaproveitamento ou revivificação de arcaísmos, geração de palavras novas inclusive pelo acréscimo de barbarismos; pelas raízes profundas na tradição cultural ocidental, onde o caráter helenista impregnado de componentes judaico-cristãos; e pelos componentes metafísicos – convergência de vertentes do hermetismo, da alquimia; e pelas associações com as filosofias e religiões orientais, com destaque para o taoísmo.

7 – CONCLUSÕES

Diante da complexidade exibida, talvez seja pretensioso alcançar “conclusões” sendo mais realista admitir que se podem pinçar algumas ilações.

A Literatura através do romance, em sua proposta de nos dar uma visão particular do Mundo, tem que revesti-la de uma estrutura espaço-temporal. Isto em qualquer tradição cultural, já que espaço-tempo são categorias a priori.

“*Rien n’aura en lieu que le lieu*” nos disse o poeta Mallarmé. Em verdade toda uma trama, um enredo

que se desenrola sobre uma cena, tudo que é narrado num romance, acontece (“tem lugar”) num *continuum* espacial mais ou menos definido e a participação do leitor – que não é totalmente passiva como na leitura jornalística – tende a identificá-la a uma realidade concreta, ou seja “geográfica”. Mas, em tanto que criação artística, ficcional, haverá, forçosamente, um espaço artístico que não pode ser reduzido aos limites estreitos de uma paisagem real.

Assim, o primeiro problema para aqueles que, do ofício da Geografia, procuram sondar o seu conteúdo num dado romance consiste em sintonizar aqueles dois sistemas espaciais. É de toda conveniência que o sistema geográfico deva ser procurado nos seus atributos mais relevantes, sobretudo quando em face da alta literatura. Não teria sentido fazer cobranças do trivial geográfico já que um romance não é um manual de geografia, sobretudo uma velha corografia. Importa muito desvendar as relações entre o sistema do real geográfico com aquele dos símbolos ou signos artísticos na arquitetura da obra.

Esta articulação entre estas duas categorias de espaços, aparentemente complicada, é perfeitamente possível. Devemos lembrar do caso de Homero²¹ na Odisséia onde Ulisses, na sua longa viagem de retorno através do desconhecido, e, tentado pelas sereias, desce aos infernos, enfrenta os Cíclopes e o Minotauro num labirinto. No caso de Ulisses, temos um “herói de estirpe” bafejado pelas musas e deuses, vencendo os desafios do meio hostil pela sua inteligência e sobretudo, a “astúcia”. Na sua longa viagem de volta de Tróia ele encontra uma Itaca diferente e ele próprio já não é o mesmo (a ponto de ser reconhecido apenas pelo seu cão).

Também é possível, malgrado as dificuldades criadas deliberadamente pelo próprio autor, sintonizar estas relações na longa “travessia” de Riobaldo: um anti-herói, homem humano, no seu ziguezaguear de jagunço pelo grande sertão, entre fatos obscuros, além de sua compreensão e que culmina com o desenlace pelo grande equívoco com Diadorim, sua “neblina”. Quando ele se instala como fazendeiro,

casado com sua Otacília, já está às portas de velhice e o Sertão já está “demudado”.

Pelo que procurei demonstrar neste ensaio, embora haja uma declarada e indisfarçável preocupação de GR em não “documentar” a realidade, o conteúdo do GS:V apresenta elementos precisos de caracterização daquele seu Sertão Mineiro, marcado pelo Urucúia – como eixo privilegiado da sombra para a luz – no início do século xx. O romance deve ter sido escrito (junto ao *Corpo de Baile*) no início dos anos de 1950, tendo sido lançado em 1956, no Governo Kubitschek. Quatro anos após, Juscelino inaugura Brasília (1960), abrindo as portas dos Sertões do Planalto Central Brasileiro. A rede de transportes e a conquista dos cerrados pelo advento da petroquímica e indústria de fertilizantes vem acelerar a sua conquista. Os contingentes populacionais excedentes do Sul do País compram as terras baratas e, com a mecanização e uso de agroférteis, promovem a grande mudança. O Sertão roseano não escapará a ela.

Os vários relatórios das diferentes missões científicas, os antigos relatos dos naturalistas, as monografias e artigos geográficos que se produziram, ao longo dos tempos, darão depoimentos circunscritos às épocas de suas produções. A efemeridade dos relatos geográficos diante de um mundo em permanente mutação. O magnífico painel, arquitetado literariamente por GR como “poema – encantatório” que é será eterno.

A Geografia embora auferindo indiscutíveis ganhos com as preocupações teóricas e sobretudo quantitativas, descuidou-se muito da descrição, empobrecida e quase abandonada nas abordagens regionais. Aquele sabor lablacheano da personalidade dos lugares e regiões foi dado como obsolescências a abandonar. A atual preocupação com um conhecimento mais conjuntivo, uma pregação das virtudes do “holismo” e a proposta de uma Nova Geografia Humanística, poderá promover um benéfico contato com a Literatura.

Não se quer dizer, de nenhum modo, que a criação literária substitua a Geografia, mas é preciso que se considere uma possibilidade de complementação enriquecedora. E daí a necessidade de promover a relação Geografia-Literatura como veículo de educação no ensino médio. E reconhecer também que, por mais tabelas de dados e comprovações científicas que uma análise geográfica possa fornecer, haverá uma possibilidade de que um artista criador – na alta literatura – com outros recursos tenha o poder de criar uma realidade infinita.

Não que o ficcional, o imaginário, o mítico, e o metafísico, neles mesmos, substituam o real. Mas é muito provável – como no caso de GR – que isto venha “iluminar” e ampliar a percepção do geográfico num poema mágico como o GS:V

E para bem sublinhar esta relação recorro ao próprio autor extraindo do seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras o seguinte trecho, glossando um dito de João Neves de Fontoura:

Não que a fé (mítico, metafísico) seja inimiga da vida (realidade). Mas o que o homem é, depois de tudo, é a soma das vezes em que pôde dominar, em si mesmo a natureza. Sobre o incompleto feito que a existência lhe impôs, a forma que ele tentou dar ao próprio e dorido rascunho²². (Grifos e parênteses meus).

No seu ofício de investigar as “verdades” que caracterizam o “real”, em sua penosa travessia do ignorado para o conhecido, o cientista, muitas vezes, atinge apenas aproximações, “verdades provisórias”. Ao concluir uma pesquisa constata que para uma resposta obtida levantam-se novas indagações. E é isto que impulsiona a Ciência.

O Homem humano, comum – de quem Riobaldo é um símbolo – em seu saber limitado, ainda obscuro, ante as grandes dúvidas e indagações capitais sobre o real e falso, acima de sua capacidade, recorre à natureza, mediadora dos deuses. Após a emocionante e angustiada vigília nas Veredas Mortas ele ainda não se deu conta da efetivação do pacto:

Ele não existe, e não apareceu nem respondeu – que é um falso imaginado. Mas eu supri que ele tinha me ouvido. Me ouviu a conforme a ciência da noite e o ouvir dos espaços, que medeia. Ao que eu recebi de volta um adêjo, um gôzo de agarro, daí umas tranqüilidades – de pancada. Lembrei dum rio que viesse adentro a casa de meu pai. (p.398)

Embora incerto de sua condição de pactuário, nasceu nele, dentro dele, a coragem de que carecia para chefiar os jagunços na missão de exterminar os judas. Mas reconhece suas limitações:

As coisas assim a gente mesmo não pega nem abarca. Cabem é no brilho da noite. Aragem do sagrado. Absolutas estrelas!

NOTAS

- * Departamento de Geografia – USP. Texto apresentado no I SIMPÓSIO NACIONAL SOBRE ESPAÇO E CULTURA, NEPEC - UERJ Rio de Janeiro, outubro de 1998.
- 1- Muito provavelmente críticos literários podem discordar do meu critério nesta categoria mais “elevada”. Ressalve-se que a motivação “geográfica” será aquela norteadora da minha procura.
- 2- Venho de assistir a dois eventos que atestam cabalmente esta assertiva. A X Semana Roseana, realizada entre 29 de junho e 05 de julho em Cordis-burgo, berço do escritor, e sobretudo o SEMINÁRIO NACIONAL promovido pela PUE-MG em Belo Horizonte entre 24 e 28 de agosto.
- 3- Pelo pouco tempo disponível numa “mesaredonda” talvez oralmente se possa apenas apresentar as idéias sem oportunidade de esclarecê-las ou fundamentá-las devidamente.
- 4- Provavelmente uma famosa entrevista concedida a Ascendino Leite, reproduzida (sem

- menção à fon5te) em PEREZ (1968).
- 5- Se é verdade que a noção de SERTÃO ligue-se a formações vegetais predominantemente não florestais (cerrados, caatingas) linear ou pontualmente com ocorrência de matas, naquela parte onde as formações de mata pluvial – litorânea e do interior – se alargam consideravelmente no Sudeste, a medida que se as derrubavam para implantar a cultura do café, não se falavam também em Sertão da Mogiana ? Sertão de Ribeirão Preto?
 - 6- Tese de Doutorado de 1972, referida à 2ª edição de 1986.
 - 7- Caso da Willi Bolle (1997-98) que parte da evocação de Antônio CANDIDO (1957) sobre os três elementos básicos: A TERRA, O HOMEM, O PROBLEMA (em substituição à A LUTA euclídea^{678na}), mas, já apontando as diferenças, defende arduamente sua tese sobre a “re-escrita”.
 - 8- Pelo tempo disponível numa mesa-redonda evito aqui as transcrições longas.
 - 9- Pormenorizada e ao longo da obra *A Metafísica Do Grande Sertão* e numa brilhante síntese em mesa-redonda no Simpósio Internacional de PUC – MI-NAS – “Realismo e Transcendência: o mapa das Minas do Grande Sertão”.
 - 10- Caso do Liso do Sussuarão.
 - 11- Caso de sucesso parece ser aquele de VIGIANO (1978) segundo referência colhida em Heloísa Vi-Ihena de ARAÚJO (1996). O Roteiro de Deus, em nota ao pé da página 22. Enquanto outros, como BOLLE, (1997-98) continuam à procura.
 - 12- Em termos de dramaturgia equivale ao binômio ANAGNÓRISE – a passagem do ignorado ao conhecido, ou a solução de uma trama (a identidade) e PERIPÉCIA – o trajeto da identidade no reconhecimento, ou uma súbita mudança na sorte, no curso de uma trama (o destino).
 - 13- Esta dificuldade notória parece já haver em seja do a preparação de ROTEIROS para guiar o leitor. O que faz lembrar o quadro geral de cronologia e correlações que – baseado num estudo de Valery LARBAUD – o próprio Joyce montou para o seu ULISSES, reproduzido na Enciclopédia Britânica, Ed. De 1970, Vol. 13, p.96B.
 - 14- Note-se que a medida federal de não permitir topônimos repetidos – em sedes municipais – é obra do Estado Novo, sugerida pelo IBGE à época do Recenseamento Geral de 1940.
 - 15- Lembre-mo-nos do caso de uma carta que Nhuri-nhã enviou à Riobaldo e que ele só veio recebê-la passados oito anos, quando já estava casado com Otacília. (p.95).
 - 16- Citada em Paulo DANTAS: *Sagarana Emotiva*, São Paulo, Duas Cidades, 1975 p.9 e repetida em Luiz Otávio Saassi ROCHA (1981) p.36.
 - 17- Importantíssima carta, muito elucidativa, datada de 25.x1. 1963 onde esta “avaliação” é precedida por considerações importantes sobre o fato de ele evitar, em seus livros “... o bruxolar presunçoso da inteligência reflexiva, da razão, a megera cartesiana”.
 - 18- Numa obra sem capítulos – uma narrativa contínua, mas não linear – é difícil localizar as citações, a não ser pela paginação (3ª edição). Digamos que entre as páginas 353 – quando Riobaldo pensa abandonar o grupo de Zé Bebelo à procura dos judeus ao chegar ao Currais-do-Padre, até a página 414, quando encarrega o Seu Habão de levar a pedra de topázio para Otacília.
 - 19- Contudo, teria grande interesse em confrontar o jagunço do GS:V de GR (1956) com o “soldado” do “Dans le Labyrinthe” de Robbe-Grillet (1959) nos espaços sertanejo (Bra

- sil) e urbano (França).
- 20- Além do já numerado acervo de estudos de análise crítica literária e lingüística, entre nós, para a linha da tradição heleno-judaica cristã, há os estudos de Heloísa Vilhena de Araújo. Sobre o lado metafísico há o exaustivo estudo de Francis Utéza.
- 21- Repetido pela tradução oral dos rap odos desde o século XII a C.
- 22- Discurso de Posse – Na obra de ABL EM MEMÓRIA DE JOÃO GUIMARÃES ROSA – p.83.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABLAMOWICZ, Alexandre. *[Espace de l'homme Égar}* Dans le Labyrinthe d'Alain Robbe Grillet. [n CROUZET, Michel (organisateur) *Espaces Romanesques*. Paris: Presses Universitaires de France, 1982.
- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *EM MEMÓRIA DE JOÃO GUIMARÃES ROSA*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1968.
- ARAÚJO, Heloisa Vilhena. *O Roteiro De Deus – Dois Estudos sobre Guimarães Rosa*. São Paulo: Mandarim, 1996.
- BIZZARRI, Edoardo. *J GUIMARÃES ROSA CORRESPONDÊNCIA* com seu tradutor italiano
- EDOARDO BIZZARRI. 2. ed. São Paulo: Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro – TA Queiroz Editor, 1980.
- BAGGIO, Marco Aurélio. *Constituição da Identidade de Riobaldo: Extensão*, Vol. 6, na 2 pp.43-73. Belo Horizonte, PUC Minas, Agosto 1996.
- BOLLE, Willy. *O pacto no Grande Sertão – Esoterismo ou Lei Fundadora?* *Revista Usp* – na 36. Dossiê 30 anos sem Guimarães Rosa pp.22-
44. São Paulo, Coordenadoria de Comunicação Social/USP, Dez-Jan-Fev. 1997-98.
- CANDIDO, Antonio. *O Sertão e o Mundo: Diálogo* – Revista de Cultura na 8 (Número Especial sobre Guimarães Rosa) pp.05-18. São Paulo, Sociedade Cultural [Nova Crítica, novembro 1957.
- CROUZET, Michel (organisateur) *Espaces Romanesques* (248 pp.) Centre d'Etudes du Roman et du Romanesque -Université de Picardie – Colloque organisé [es 8 et 9 Mai 1981. Paris, Presses Universitaires de France, 1981. DIMAS, Antonio. *Espaço E Romance*. 2. Ed. – 77pp., Série “Princípios”. São Paulo: Editora Ática, 1987.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. *As Formas Do Falso – Um estudo sobre a Antigüidade no Grande Sertão: Veredas*. Col. Debates-Crítica – 2. ed. São Paulo: PERSPECTIVA, 1986.
- MALINOWSKI, Bronislaw Kaspar. *Magic, Science And Religion And Other Essays*. G[enecoe, Illinois: Free Press, 1948.
- MONTEIRO, C.A de Figueiredo. *A Percepção Holística da Realidade do Sertão a partir de um Mosaico Romanesco: o “Corpo de Baile” de Guimarães Rosa*. Palestra proferida no SEMINÁRIO DE TROPOLOGIA, na Fundação Joaquim Nabuco, a 10 de Maio de 1988 – Recife – Pernambuco [NÉDITO.
- _____ *O Conteúdo Geográfico nos Espaços Romanescos (“O Cortiço” de Aluísio de Azevedo e “Vidas Secas” de Gra-ciliano Ramos)*. *Ciência & Trópico*, Vol. 16 na 2 pp.172-205. Recife – Fundação Joaquim Nabuco – Editora Massaúga-na, Junho-Dezembro de 1988.
- _____ *O Real e o Mítico na Paisagem do Grande Sertão*. Palestra proferida na noite de 04.07.1998 na X Semana Roseana em Cordisburgo, MG [NÉDITO.

- PEREZ, Renard. *Perfil de João Guimarães Rosa*.
ACAD. BRAS. DE LETRAS – EM
MEMÓRIA DE JOÃO GUIMARÃES
ROSA – pp.23-36. Rio de Janeiro: Livraria
José Olympio Editora – 1968. POCOCK,
Douglas C.D. (Editor) *Humanistic Geogra-
phy And Literature – Essays on the Experi-
ence of Place*. (224 pp.) London: Croom
Helm, 1981.
- ROSA, João Guimarães. *Corpo de Baile (Sete Nove-
las)* Capas de Poty 1ª edição. Rio de Janeiro:
Livraria José Olympio Editora, 1956. . João
Guimarães. *Grande Sertão, Veredas* – 3 ed.
(Ilustrações Poty). Rio de Janeiro: Livraria
José Olympio Editora, 1963. *UTÉZA Fran-
cis. IGR METAFÍSICA DO GRANDE
SERTÃO* (Tradução de José Carlos Carbu-
glio). Ilustrado. São Paulo: EDUSP – 1994.
- VARGAS, Milton. *Visão e Descrição (Uma interpreta-
ção de “Grande Sertão, Veredas”). Diálogo. Re-
vista de Cultura n° 8 (Número Especial so-
bre Guimarães Rosa) pp.19-28. São Paulo,
Sociedade Cultural Nova Crítica, Novembro,
1957.*
- VIGGLANO, A/an. *ITINERÁRIO DE RIOBAL
DO TATARANA*. Belo Horizonte: Co-
municação, 1974.